

SÍRIA

Do alívio ao sonho de um novo país

Vítimas do regime de Bashar Al-Assad almejam a construção de uma nação livre e próspera. Elas detalham os horrores do regime e descartam o receio de um governo fundamentalista islâmico

» RODRIGO CRAVEIRO

Em 2015, Yusra Mardini, então com 17 anos, e a irmã Sara, 20, puxaram um bote com 16 pessoas no braço, enquanto nadavam no Mar Egeu, durante a fuga da guerra civil na Síria. Elas salvaram a vida de todos, e a história foi inspiração para o filme *As nadadoras*, exibido na Netflix. Yusra disputou as Olimpíadas do Rio (2016) e de Tóquio (em 2020). As marcas do regime de Bashar Al-Assad estão na pele, mas também na alma, de Amin Al-Lababidi, 57 anos. Um joelho quebrado, sequelas de um enfarte, traumas psicológicos e cicatrizes por todo o corpo. Wedian Eltarabulsi, 40, ainda se recorda de quando a filha Alaa, então com 8 anos, foi ferida em um bombardeio ao bairro de Ghouta. Muhammad

Najem, 22, estava no mesmo local, em 21 de agosto de 2013, quando as forças de Al-Assad lançaram um ataque químico no meio da madrugada. Filha de sírios, Maryam Kamalmaz, 39, ainda sonha com a possibilidade de o pai, Majd Kamalmaz, ser encontrado com vida em uma das masmorras de Damasco. Em 2017, ele foi sequestrado pelos homens de Al-Assad e, desde então, a família não tem notícias concretas, exceto uma informação, do governo dos EUA, de que Majd teria sido executado. O Correio entrevistou as cinco vítimas da tirania de Damasco. Alegria, felicidade incontida, esperança, alívio e otimismo são sentimentos compartilhados por elas. As entrevistas foram transformadas em depoimentos na primeira pessoa.

Lisa Knauer



"MINHA ESPERANÇA É DE UMA SÍRIA PARA TODOS OS SÍRIOS"

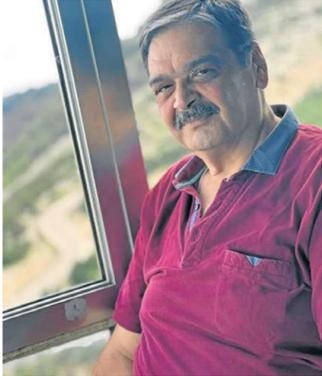
"Como refugiada, sou uma dos milhões de sírios forçados a fugir de suas casas. Acompanhar as notícias tem sido avassalador. É um momento pelo qual todos esperávamos, depois de anos de dor e de perdas inimagináveis. Esperamos que as mudanças possam levar ao fim da maior crise de deslocamento do mundo, que afetou 13 milhões de sírios em 14 anos.

As decisões sobre o retorno à Síria são profundamente pessoais e exigem tempo para avaliar a segurança e as condições no terreno. Qualquer regresso tem que ser voluntário, seguro e digno. Estamos focados em avaliar o que as mudanças significam para o nosso futuro e a nossa habilidade de reconstruir nossas vidas.

Famílias foram despedaçadas; pais e mães perderam seus filhos. Cada sírio tem lutado, sacrificado e suportado dor e perda ao longo dos últimos 14 anos. Continuamos a aspirar um amanhã melhor — uma Síria para todos os sírios, com liberdade, segurança e dignidade."

Yusra Mardini, 26 anos, nadadora síria, atleta olímpica no Rio (2016) e em Tóquio (2020). Em 2015, ela e a irmã Sara fugiram da Síria em um bote com 18 pessoas. Ante o risco de naufrágio, por causa da superlotação, elas entraram na água e empurraram o bote por três horas até chegarem à costa. Sua história inspirou o filme *As nadadoras* (exibido na Netflix)

Arquivo pessoal



"FUI TORTURADO POR SETE DIAS QUE EQUIVALEM A SETE DÉCADAS"

"Em 15 de agosto de 2013, fui preso pelo regime de Al-Assad, com o meu cunhado, Hassan Muhammad Zuhair Zakaria. Fomos levados a um centro de segurança militar conhecido como 'centro da morte'. Ali, fui espancado e torturado. Ainda trago marcas em meu corpo. Fui golpeado com canos e com fios elétricos. Eles alternavam as sessões de tortura entre mim e Hassan, irmão da minha esposa. A surra me causou vários danos, inclusive um ataque cardíaco, do qual ainda sofro sequelas. Também fui submetido a vários insultos e violações de minha dignidade. Além das cicatrizes, fraturaram o meu joelho, e minha articulação teve que ser substituída. Os sete dias de torturas equivalem a 70 anos.

Não acho que Mohammed Al-Jawlani (líder dos rebeldes) tenha uma ideologia jihadista. Porque ele nos trata com o máximo respeito e não impôs nada que pudesse prejudicar nossa dignidade. Não espero nada dele além de paz e de bondade. A situação, hoje, em Damasco, é boa e estável. A capital está sob toque de recolher das 16h às 5h. Eu espero um futuro melhor e seguro para o nosso povo. Sinto alegria e alívio pela queda de Bashar Al-Assad, um tirano, traidor, opressor, um canalha que só se importava consigo mesmo e com o cargo que ocupava."

Amin Al-Lababidi, 57 anos, gerente de companhia farmacêutica, morador de Damasco

Omar Haj Kadour/AFP



Moradores de Damasco celebram a queda de Al-Assad com uma grande bandeira da oposição síria, na Praça Umayyad

Arquivo pessoal



"ESTAMOS CHORANDO, FELIZES, NAS NUVENS E SEM ACREDITAR"

"São dias históricos para todos os sírios. Não poderíamos imaginar que estaríamos livres de todo o tipo de opressão e de injustiça, ao longo desses 14 anos, sob o regime de Al-Assad. No momento em que falo com vocês, estamos chorando, felizes, sem acreditar em tudo o que está ocorrendo. Estamos nas nuvens, não conseguimos descrever os nossos sentimentos. A Síria será um país democrático para todos os sírios. Inclusive para aqueles que sofreram com a pobreza, a desnutrição e com todo o tipo de necessidades diárias.

Durante o período em que Ghouta Oriental, nosso bairro, foi sitiado, tivemos dois episódios de violência cometidos pelos homens de Bashar Al-Assad. O primeiro foi um ataque com armas químicas, em 2013. Foram momentos mortíferos, em que milhares de pessoas foram assassinadas. O segundo incidente foi ainda pior. Al-Assad costumava cometer crimes atirando barris com explosivos sobre nossas cabeças, sem qualquer misericórdia. Chamamos esse episódio de 'Holocausto de Ghouta'. Quando ele ocorreu, fomos retirados de nossas casas e embarcados em ônibus verdes, em direção à cidade de Idlib."

Wedian Eltarabulsi, 40 anos, moradora de Ghouta Oriental, bairro de Damasco que foi alvo de ataque químico, em 2013. Mãe de Noor (17 anos) e de Alaa (14). Aos 8 anos, em 2018, Alaa ficou ferida no rosto, por um bombardeio do Exército sírio

Arquivo pessoal



"O FUTURO TRARÁ MUITAS DIFICULDADES PARA O MEU POVO"

"Estou refugiado em Istambul, na Turquia, desde 2019. Têm sido anos muito difíceis, e espero que as coisas melhorem. Não durmo bem há dias. Não sou o único, pergunte a qualquer sírio, ele dirá o mesmo. Ver nosso país livre é inacreditável. Depois de 14 anos, os sírios podem falar, viver em segurança, ter direitos iguais e um Estado que os proteja. Temos um lugar para voltar com segurança, sem medo de desaparecimento forçado ou de prisão. É hora de o povo sírio regressar, para reconstruir a pátria. O futuro trará muitas dificuldades.

A nova fase exigirá esforço, trabalho e tempo. A Síria será muito mais bonita. Nós a reconstruiremos. A descrição de jihadistas ou terroristas não se aplica aos sírios que lutam por sua terra. Há um equívoco de que eles matarão civis e aterrorizarão minorias e não muçulmanos. A realidade é o oposto. Vocês podem vir à Síria e ver a alegria em todas as cidades.

Em 21 de agosto de 2013, eu estive na 'noite do julgamento', em Ghouta Oriental, bairro de Damasco. A noite em que a vida foi sufocada e o tempo parou, exceto para a morte. Al-Assad bombardeou-nos com armas químicas. Entre 1,4 mil e 1,5 mil pessoas morreram, muitas enquanto dormiam. Quem sobreviveu ficou com a memória sufocando o que restou de suas almas."

Muhammad Najem, 22 anos, ativista de Ghouta (Damasco), exilado na Turquia

Arquivo pessoal



"SEM AL-ASSAD, É HORA DA CURA E DA RECUPERAÇÃO DE MEU PAÍS"

"Meus sentimentos de alegria absoluta são indescritíveis! Não temos dormido, nem comido direito, ante tanta excitação e comemoração! É um momento que nunca pensamos que veríamos em nossa vida! Mas aqui está!!! Meu pai era um terapeuta sírio-americano que viajou para Damasco em 2017. Menos de 24 horas depois da chegada à capital, ele foi sequestrado pelo regime. Somente em maio deste ano, o governo dos EUA confirmou que ele foi torturado e morto pelos homens de Al-Assad. Nós, como família, gostaríamos de manter a esperança de que ele possa estar em uma das prisões.

Eu nunca vivi na Síria. Nasci nos EUA, mas fui proibida de entrar na Síria, simplesmente porque falava sobre a verdade, sobre o que ocorreu ao meu pai nas mãos do regime sírio. Ninguém ousava falar contra Al-Assad. Se alguém o fizesse, seria preso, torturado e até mesmo executado. A libertação da Síria me trouxe a esperança renovada de que poderei visitar o país de origem da minha família.

Eu rezo por um governo limpo, que traga a liberdade e a paz. Onde todos nós, de diferentes seitas e religiões, possamos viver em paz. O povo sírio ficou traumatizado. É hora da cura e da recuperação. Rezo para que as autoridades implementem a paz. Ao contrário do antigo regime, que foi brutal e tirânico."

Maryam Kamalmaz, 39, filha de sírios, moradora de Dallas (Estados Unidos)

Países europeus suspendem asilo aos sírios

Vários países europeus anunciaram que suspenderão as decisões pendentes sobre as solicitações de asilo de refugiados sírios, apenas um dia depois da queda do governo de Bashar Al-Assad na Síria, depois de uma ofensiva relâmpago dos rebeldes.

Os governos de Áustria, Alemanha, Bélgica, Suécia, Dinamarca, Noruega, Suíça e Reino Unido decidiram suspender o processamento de pedidos de asilo de cidadãos sírios, em um contexto de crescimento da extrema direita no continente.

Por sua vez, França também considera adotar medidas semelhantes. "Deveria ser tomada uma decisão nas próximas horas", anunciou o Ministério do Interior da França.

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) pediu "paciência e vigilância" em relação ao retorno dos cidadãos sírios ao seu país. Enquanto a Alemanha e outros países destacaram que estão atentos aos últimos acontecimentos na Síria, a Áustria afirmou que deu instruções para "preparar um programa

ordenado de repatriação e deportação" para o país do Oriente Médio, devastado pela guerra.

A chegada de migrantes se tornou uma questão sensível na Europa, desde a crise migratória de 2015, quando dezenas de milhares de refugiados chegaram ao continente, incluindo sírios fugindo da guerra civil.

Os países da União Europeia (UE) registraram, simultaneamente, o crescimento de legendas ultradireitistas, impulsionadas por uma retórica antimigração, como o partido Reagrupamento Nacional (RN) de Marine Le Pen na França e o Alternativa para a Alemanha (AfD) no país vizinho.

A Alemanha, que abriga uma diáspora síria de um milhão de pessoas, justificou a decisão pela "incerteza" em Damasco, segundo sua ministra do Interior, Nancy Faeser. Seu homólogo austríaco foi além. "A situação política na Síria mudou fundamentalmente", disse o ministro do Interior Gerhard Karner, ao anunciar um programa de "repatriação e deportação" para a Síria.

Ozan Kose/AFP



Refugiados sírios que viviam na Turquia esperam em fila para retornar ao país natal, na passagem fronteiriça de Cilvegozu